

Eixo Temático

História, Historiografia da Educação

Título

Intelectuais orgânicos e currículo: o papel de Arthur Higgins na elaboração curricular da Educação Física no Brasil (1896-1934)

Autor(es)

Ribamar Nogueira da Silva

Heulalia Charalo Rafante (Orientadora)

Instituição

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos (Campus Sorocaba)

Programa de Pós-Graduação em Educação

E-mail

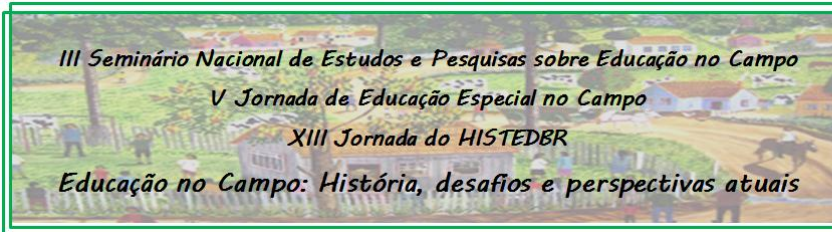
ribamarnogueiradasilva@gmail.com

Palavras-chave

Educação Física, currículo, intelectuais, Gramsci

Resumo

Analisando as principais obras do professor Arthur Higgins (1860-1934), publicadas no Brasil entre 1896 e 1934, no formato de manuais ginásticos este estudo tem por objetivos buscar elementos que justifiquem caracterizá-las, no contexto brasileiro do final do século XIX e das três primeiras décadas do século XX, como propostas curriculares para a Educação Física escolar, e também, com base na concepção de intelectuais desenvolvida por Antonio Gramsci, identificar o tipo de função intelectual exercida por Higgins na sociedade da época. Com este intuito, realizamos a análise



documental e uma pesquisa bibliográfica. Sobre o primeiro objetivo, concluímos que, por apresentar elementos característicos da constituição de um currículo, tais como: o estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação escolar, a seleção na cultura de conteúdos passíveis e desejáveis de serem ensinados/aprendidos, resultar de processos conflituosos e de decisões negociadas e possuir a tendência em seguir normas, critérios e modelos mundiais; o Compendio de Higgins pode ser identificado como uma proposta curricular para a Educação Física. Quanto ao segundo objetivo, a atuação de Arthur Higgins durante o período histórico em questão indica que este professor exerceu função de intelectual orgânico à classe hegemônica, pois além da sua produção teórica sugerir seu vínculo de classe, ao ser difundida na esfera educacional da sociedade, colaborou com a elaboração de um tipo formação adequado ao projeto hegemônico da classe dirigente.

Texto Completo

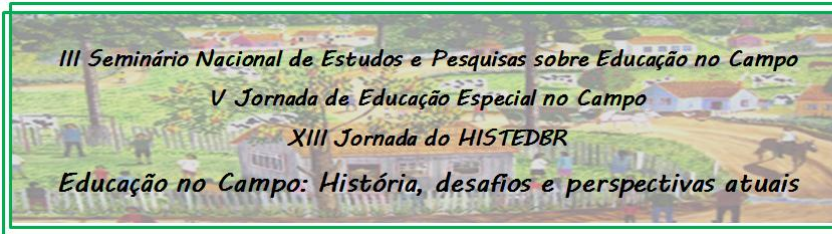
Intelectuais orgânicos e currículo: o papel de Arthur Higgins na elaboração curricular da Educação Física no Brasil (1896-1934)¹

Introdução

Enquanto na Europa a transição entre séculos XVIII e XIX foi marcada por profundas transformações socioeconômicas, políticas e institucionais, o Brasil, cumprindo seu papel de colônia portuguesa, caracterizava-se pelo atraso em todas as áreas da sociedade em comparação ao desenvolvimento europeu. Se o processo de modernização, expresso basicamente pelo aparecimento da indústria, do trabalho assalariado e do crescimento urbano, certamente é tardio por remontar o final do século, pode-se afirmar que a partir da chegada da Família Real Portuguesa em 1808 e, principalmente, da Independência em 1822, o Brasil começou a receber maior influência da cultura europeia, seja pela maior circulação de publicações escritas, seja pela vinda de profissionais liberais estrangeiros.

Em vista disso, desde 1823, e nos anos seguintes à Independência do Brasil frente Portugal, já se falava em Educação Física nos projetos de estruturação do ensino

¹ Esse trabalho compõe a dissertação de mestrado intitulada “O currículo de Educação Física no Estado de São Paulo: análise crítica a partir das teorias do currículo e dos fundamentos históricos do desenvolvimento deste campo no Brasil” (título provisório), em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, sob orientação da professora Heulalia Charalo Rafante.



nacional, tanto que diversas propostas e regulamentos atribuíam para ela a qualidade de disciplina escolar. Nesse sentido:

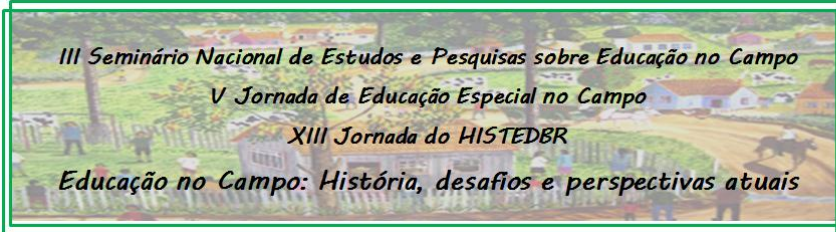
[...] em 1837 se previu a criação de uma sociedade escolar que teria, entre outras, a cadeira de ginástica; [e] em 1854 foi expedido o 'Regulamento de Instrução primária e secundária do Município da Corte' que incluía a ginástica no rol de disciplinas curriculares do ensino primário". (MELO, 1998, p. 54)

Com efeito, Cantarino Filho (1982) afirma que a Educação Física surge oficialmente como disciplina escolar no Brasil em 1851, quando o então deputado Luiz Pereira do Couto Ferraz formula a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte. Em 1860, o Método Alemão² de ginástica é introduzido, segundo Marinho (1980 *apud* HEROLD Jr., 2005), na Academia Real Militar, e em 1870, de acordo com Silva (1999a) o Ministro do Império traduziu e publicou o *Manual de Ginástica Prussiana*, como indicação normativa para o ensino de ginástica nas escolas públicas.

O fato é que, mesmo marcado por proposições bastante distintas entre as províncias, o Brasil Imperial foi, segundo Marinho (1980), um período muito produtivo em formulações legais sobre a Educação Física nas escolas. Porém, o que explica a crescente valorização do exercício sistematizado pela elite político-econômica brasileira se, numa sociedade predominantemente escravocrata, as atividades braçais e fisicamente extenuantes eram não apenas evitadas, mas veementemente condenadas como desprezíveis e inferiores? Supostamente uma combinação entre o prenúncio da Abolição da Escravidão e crença na capacidade de desenvolver ordem, saúde e disciplina através da Educação Física.

A instrução pública no país, que sofria com a descentralização e as dificuldades de financiamento impostas pelo Ato Adicional de 1834, assume – ainda que somente nas discussões e proposituras – o papel de socorrer a sociedade do caos econômico que se instalaria com a libertação dos escravos. Para Saviani (2011), durante a longa transição até a Abolição, no processo de solução do problema da mão de obra, ou seja,

² Criado na Alemanha pós-Guerras Napoleônicas da transição entre os séculos XVIII e XIX, o Método Ginástico Alemão visava formar indivíduos saudáveis e fortes – moral e fisicamente. Inspirada nas bases científicas do positivismo e nas teorias pedagógicas liberais, seus idealizadores – Basedow, Guts Muths, Jahn e Spiess – desenvolveram um método formativo de caráter militar no qual o exercício físico possuía grande destaque.

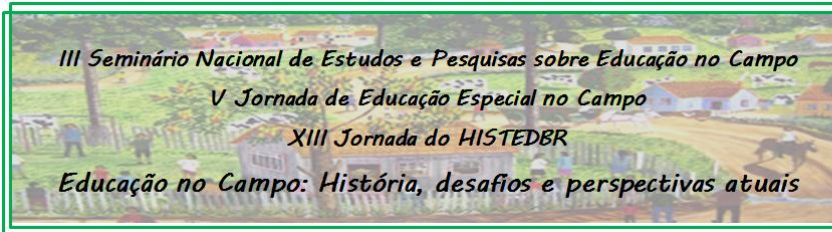


da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, a educação foi chamada ao debate, pois baseada na ligação entre emancipação e instrução, a escola poderia transformar em “trabalhadores úteis” os naturalmente indolentes adultos livres das classes subalternas. Contudo: “apesar dessa crença, a escola voltada para o treinamento da mão de obra assalariada não se efetivou e, surpreendentemente, essas discussões desaparecem, de maneira simultânea à abolição definitiva” (SCHELBAUER, 1998 *apud* SAVIANI, 2011, p. 163). Ocorre que a imigração de trabalhadores europeus – excedentes da população agrícola que surgem na crise de superprodução na Europa – resolveu o problema da mão de obra sem a necessidade de “formar” uma nova geração de negros livres.

Mesmo assim, se os imigrantes solucionaram momentaneamente a questão da força de trabalho, as dificuldades progressivas advindas da inevitável modernização capitalista incomodavam a aristocracia que, no momento, configurava-se cada vez mais urbana e industrial. De maneira mais efetiva, a educação, materializada na escola, torna-se o meio pelo qual a elite poderia, no primeiro momento, formar seus membros de modo a manter a hegemonia e, posteriormente, conformar pela disciplina e pela ordem a população em geral.

Neste conjunto, disciplina-tempo-ordem, em que se fundamenta a educação das elites [...] é que ganha espaço a Educação Física, uma vez que o físico disciplinado era uma exigência da nova ordem em formação. Disciplinar o físico, portanto, era o mesmo que disciplinar o espírito, a moral e, assim, contribuir para a construção daquela nova ordem. [...] a disciplina do físico seria apenas um instrumento, e a Educação Física passaria então a constituir-se em elemento de extrema validade para colocar em prática o processo disciplinar dos corpos. (SOARES, 1994, p. 97)

Sejam nas fazendas ou nos recém-surgidos centros urbanos, a minoria elitizada vivia envolta à insubordinação insurgente dos corpos dos imigrantes e à ignorância iletrada de uma população livre que adaptava seus corpos ao trabalho assalariado. No campo ou nas periferias das cidades, as contradições do capitalismo logo se manifestam nas precárias condições de vida da população, características da transição para a Primeira República. Não demora a baixa produtividade, a tendência ao ócio e a letargia do povo serem associadas às doenças, aos maus hábitos, à pouca força física e, principalmente, à falta de higiene. Com efeito, já na última década do Período Imperial, a Reforma Leôncio de Carvalho foi marcada fortemente por uma concepção higienista,



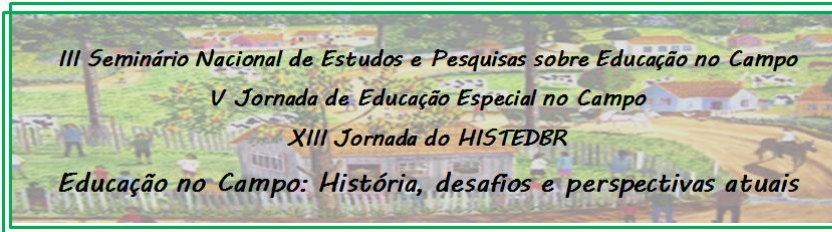
que transportava o discurso médico de influência liberal e iluminista para a fala dos educadores, intelectuais e políticos.

Analisando a produção teórica sobre Educação Física/Ginástica em manuais e livros durante o século XIX, Cunha Júnior (1998) identifica dois grupos que realizaram publicações no período. Os médicos que, por representarem o centro intelectual do projeto de modernização da sociedade brasileira em meio ao século XIX, incorporam nos seus discursos as atividades físicas e, ao mesmo tempo, atribuem a elas significado, cientificando-as. E os professores civis, normalmente ex-alunos de destaque, que recebiam convites de seus mestres para ministrarem aulas baseadas em suas vivências nas escolas e colégios em que tiveram contato com a Educação Física/Ginástica.

Neste contexto, e certamente não por acaso, destaca-se no período aquele que figura na historiografia como o principal representante dos professores civis: Arthur Higgins, professor de Educação Física e jornalista. Ele merece destaque não apenas por sua atuação como disseminador da Educação Física no Brasil entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, mas por desenvolver e publicar, entre 1896 e 1934, manuais contendo orientações e prescrições para a prática da atividade física dentro e fora da escola. Silva (1999b) destaca que o *Compendio de gymnastica e jogos escolares*, publicado em 1896, é considerado a primeira sistematização pedagógica para a Educação Física brasileira.

Sob a luz de um referencial gramsciano, compreender o papel de intelectuais desempenhado por membros destes grupos requer prudência e rigor conceitual, pois, como alerta Martins (2011), o conceito de intelectual não é definido pelas diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mundo produtivo, sendo necessária considerar como eixo/chave interpretativa a função que tais indivíduos desempenharam no complexo processo de transformação ou conservação do modo pelo qual se desdobra a totalidade da vida social capitalista, sempre fundada na contradição de classe. Nas palavras do próprio Gramsci, faz-se necessário evitar

[...] O erro metodológico mais difundido [...] [que] é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto geral das relações sociais. (GRAMSCI, 2000, p. 18)



Deste modo, a análise de publicações – principalmente aquelas sob a forma de currículo escrito – não deve se furtar do fato que estas se constituem, na materialidade, como elaborações produzidas por grupos de indivíduos no conjunto geral das relações sociais, e que, a despeito da aparente neutralidade de intelectuais “tradicionais” (funcionais), os intelectuais “orgânicos” se “interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a ‘conformação das massas no nível de produção’ material exigido pela classe no poder” (GRAMSCI, 1975 *apud* SEMERARO, 2006, p. 377). Conscientes de seus vínculos de classe:

[...] são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. (GRAMSCI, 1975 *apud* SEMERARO, 2006, p.378)

Isto posto, este texto busca elementos nas principais obras escritas de Arthur Higgins, publicadas entre 1896 e 1934 – o *Compendio de gymnastica e jogos escolares* (1896), o *Manual de Gymnastica Hygienica* (1902), o *Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga* (1909) e o *Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga-Brasileiro* (1934) –, que justifiquem caracterizá-las – no contexto brasileiro do final do século XIX e das três primeiras décadas do século XX – como propostas curriculares para a Educação Física escolar, e, na sequência, com base na concepção gramsciana de intelectuais, identificar o tipo de função intelectual exercida pelo autor do *Compendio* na sociedade da época.

O *Compendio* como elaboração curricular para a Educação Física na Primeira República

Elaborado durante o período em que Higgins trabalhou na Escola Normal do Distrito Federal e, principalmente, no Colégio Pedro II, o *Compendio* assumiu características de “livro-didático” supostamente por dois motivos.

Primeiro, como o Colégio Pedro II era utilizado como referência para a organização e funcionamento do ensino nas escolas das províncias/estados, a produção de um manual no interior do Colégio com a chancela oficial garantiu sua ampla aceitação.

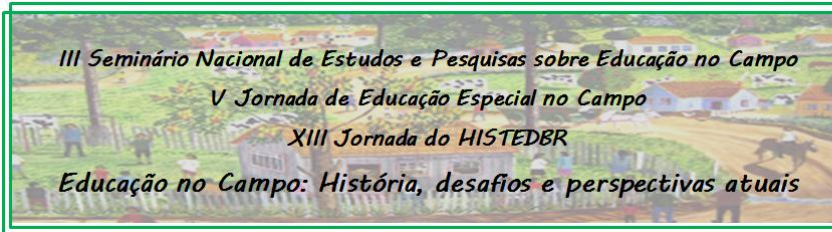
[...] No fim do século XIX e início do XX, para escrever uma obra didática, era necessário seguir os programas oficiais da política educacional, já que os compêndios precisavam da aprovação institucional para circular nas escolas, o que acabava por direcionar as opções dos editores na seleção dos autores, com grande presença dos professores do Colégio Pedro II e da Academia Militar. Estes professores possuíam maior probabilidade de aprovação de suas obras, por atenderem aos critérios do Conselho de Instrução Pública, até mesmo quando realizavam suas atividades profissionais. (SOUZA, 2011, p. 19)

Segundo, embora já existisse a obrigatoriedade das aulas de *gymnastica* nas escolas do Império desde meados do século XIX, os regentes que até então se negavam a ministra-las por conta da falta de qualificação na área, supomos, começaram a utilizar o *Compendio* como manual durante as aulas.

Desenvolvendo uma metodologia diferenciada e adaptada ao Brasil, Higgins além de defensor do Método Sueco³ era também associado ao discurso médico-higienista. Por consequência, sua sistematização de exercícios físicos não se limitou, conforme Lira (1953 *apud* SOUZA, 2011) à influência de outras escolas de ginástica. De acordo com Higgins (1909 *apud* SOUZA, 2011) seu método era resultado de seus estudos sobre o sueco Ling e belga Dox. O método sueco-belga-brasileiro atribuído a Arthur Higgins apresenta muito da contribuição dele próprio.

Buscando analisar as publicações de Higgins a partir de uma abordagem histórica que indica alguns aspectos que entrariam na caracterização dos processos de elaboração e implementação curriculares, entende-se que o *Compendio*, ao basear-se na seleção de diversos métodos e conteúdos, caracteriza-se como uma elaboração curricular, pois “consiste numa seleção de elementos da cultura, passíveis (e desejáveis) de serem ensinados/aprendidos na educação escolar” (SAVIANI, 2010, p.33).

³ A escola ginástica sueca surge na reação patriótica diante da perda de território para os russos em 1809. Pehr Henrik Ling (1776-1838), teólogo sueco, começa a utilizar a Ginástica como meio de instigar o então enfraquecido povo sueco. Apesar de Ling dividir a ginástica em quatro “direções interdependentes” – a militar, a médica, a pedagógica, e a estética - o sistema ginástico sueco mantinha forte traço médico e militar. Mesmo assim, é importante ressaltar que “[...] Como é um ‘método de ginástica’ pautado pela ciência, com fins não acentuadamente militares, mas ‘pedagógicos’ e ‘sociais’, será utilizado sempre que as nações se encontrarem em paz. O fato de apresentar uma ‘base científica’, a partir da anatomia e fisiologia, desperta o interesse dos meios intelectuais, que acabam justificando, seja pelo idealismo ou pela razão, a necessidade de sua prática.” SOARES, Carmen. **Educação física: raízes históricas e Brasil**, 1994, p.74.



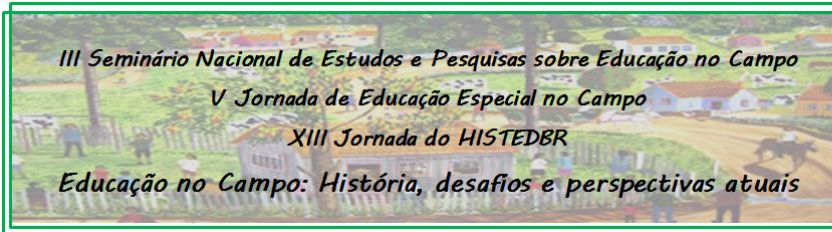
Segundo Souza (2011), o principal conteúdo da Educação Física, na visão de Higgins, era a *gymnastica*. Concebida como “a arte de exercitar o corpo, tornando-o sadio, forte e educado”, a ginástica podia ser dividida em higiênica, médica e educativa. Envolto pelo cotidiano das escolas de seu tempo, Higgins foi além da mera prescrição de movimentos, de modo que:

[...] Em seu método, o autor se preocupou com o horário e a duração dos exercícios, o local da prática deles, sua forma de execução, o vestuário dos alunos, a quantidade dos exercícios, a regulação das cargas, a forma de montar as lições, a postura ideal do professor, o ritmo adequado e o comando dos exercícios. Além disso, dedicou-se em classificar quais exercícios eram contraindicados para as meninas, os quais deveriam ser alterados de forma que não as prejudicassem (SOUZA, 2011, p. 37-38)

Dividido em três partes, a edição de 1896 do *Compendio* iniciava com noções teóricas indispensáveis aos professores de *gymnastica*. Para Higgins (1896 *apud* SOUZA, 2011), da união necessária entre as *Gymnasticas Hygienica* e *Educativa* se formaria a *Gymnastica Escolar*, definida com a arte de desenvolver e aprimorar fisicamente os educandos, ao mesmo tempo em que lhes recreava o espírito, subdividindo-se em *Gymnastica Systematica Livre* ou *de Aparelhos*, *Gymnastica Recreativa* ou *de Campo* e *Gymnastica de Aparelhos*.

Observando que a Ginástica Sistemática recebeu essa designação porque seus exercícios eram executados com o rigor de determinadas regras – divididas em doze grupos de exercícios – na maioria resultado da modificação ou criação de movimentos baseados no Método Sueco, Silva (1999b) sugere que a organização quantitativa de exercícios presente no *Compendio* indica que Higgins dera maior atenção aos “exercícios sem instrumentos” da Ginástica Sistemática Livre.

A Ginástica de Aparelhos era composta por um número limitado de movimentos executados em peças fixas, volantes e oscilantes. Higgins dividiu os aparelhos em duas espécies: os originários da Ginástica alemã e os aparelhos da Ginástica sueca. Observa-se, também, que era sustentado numa argumentação higienista que Higgins condenava o Método Alemão que, por fundamentar-se no uso de aparelhos acrobáticos que perigosamente suspendiam os corpos no ar, não se adequava mais as exigências científicas. Silva (1999b) afirma que, diferentemente, os aparelhos da Ginástica Sueca, presos no chão ou nas paredes, manteriam o praticante em segurança.



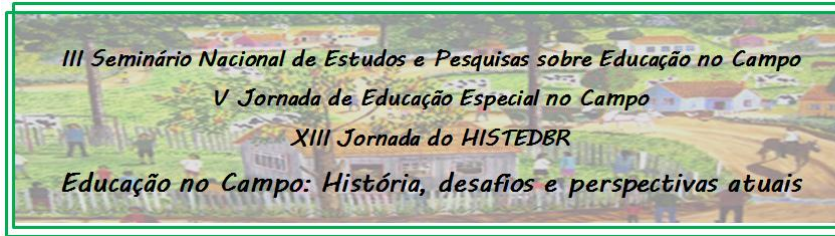
Não bastasse sua fundamentação nos métodos ginásticos e nas teorias e práticas médico-higienistas europeias, nota-se no *Compendio* influência do momento histórico em que Método Alemão se enfraquecia frente ao Sueco em virtude das críticas pedagógicas do escolanovismo. Desta forma, a sistematização de Higgins também se caracteriza como curricular, porque: “há uma tendência, na elaboração de currículos, a se seguirem normas, critérios, modelos mundiais”. (SAVIANI, 2010, p. 34).

Para Higgins (1896 *apud* SILVA, 1999b) a Ginástica Recreativa era constituída por jogos ginásticos, nos quais o corpo estaria ativamente em movimentos, enquanto o espírito seria salutarmente recreado. Neste sentido, Paiva (2003 *apud* SOUZA, 2011) lembra que os jogos, quando comparados à *gymnastica*, apresentavam a vantagem de combinar as leis do jogo com as leis sociais, pois eram capazes de subordinar o movimento a regras, disciplinar a atividade individual e coletiva, moldar as deliberações, responsabilizar o proceder de cada um e fortalecer laços de solidariedade.

Cabe destacar, também, que Higgins foi pioneiro pela iniciativa de inclusão de jogos para o sexo feminino. Segundo Silva (1999b), a preocupação de Higgins em não masculinizar o corpo feminino (ou o inverso) era tamanha que rejeitava até a possibilidade de as meninas brincarem com jogos com nomes masculinos. Porém, não apenas nos jogos essa preocupação se fez presente. Souza (2011) indica que a importância atribuída à prática das meninas por Higgins era acompanhada por contraindicações na execução de alguns *Exercícios Systematicos* – citando como exemplo os movimentos que utilizavam a musculatura do quadril como a principal – e sugere que para além de um problema de indumentária (uso de saias em turmas exclusivamente femininas), a restrição buscava preservar as meninas de realizarem exercícios que pudessem prejudicar a formação de proles fortes, “já que era função da mulher gerar filhos fortes à pátria” (SOARES, 2001 *apud* SOUZA, 2011, p. 88).

Nota-se que as prescrições do *Compendio* pretendiam formar não apenas o físico. Souza (2011) destaca que o uso de movimentos do cotidiano demonstra a necessidade de se empregar exercícios úteis à formação de trabalhadores e cidadãos. Com a utilização de movimentos/atividades imitativas buscava-se internalizar condutas e hábitos na população.

Através destes Exercícios Imitativos era possível disseminar nas crianças preceitos, normas, valores, condutas e comportamentos que a sociedade



emergente no final do século XIX e início do XX julgava necessário ao novo tipo de cidadão que se desejava formar. A educação, então, atuava no processo de formação moral e na regulação da vida, mas também intervinha nos valores sociais e religiosos. Por meio da repetição, os alunos assimilavam preceitos que os movimentos traziam em sua essência, seja na nomenclatura, na descrição ou no modo correto de realizá-los. (SOUZA, 2011, p.86)

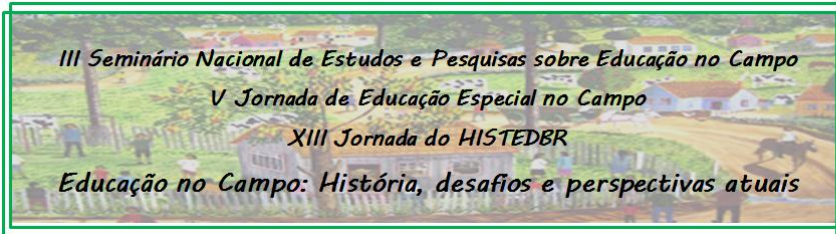
Expresso neste pragmatismo reside outro aspecto que caracterizaria o livro como uma elaboração curricular, o de obedecer “ao estabelecimento de prioridades de acordo com as finalidades da educação escolar e o público a que se destina” (SAVIANI, 2010, p. 31).

No *Compendio* também estão presentes algumas orientações de caráter mais didático. Silva (1999b) divide as recomendações didáticas de Higgins quanto: a) à ação do professor; b) à realização do exercício; c) às condições necessárias para a realização da aula; e d) à duração e metodologia das aulas.

No entanto, como deixa claro o próprio Higgins, as recomendações não tinham a finalidade apenas de instrumentalizar o professor para ministrar uma boa aula, mas, sobretudo, para realizar o projeto pedagógico-civilizatório – “salvar da degenerescência física os brasileiros”. Para isso, era necessário suplantando a ociosidade da aristocracia agrária e o trabalho do escravizado por uma conduta corporal, cientificamente higiênica e economicamente produtiva, adequada às exigências da nascente burguesia-industrial. (SILVA, 1999b, p. 47)

Por conseguinte, parece que a colaboração de Higgins com esse projeto não se restringiu ao ambiente escolar. Em 1902 ele publicou o *Manual de Gymnastica Hygienica*, livro composto por exercícios que poderiam ser realizados por pessoas de ambos sexos que gostariam de praticar atividade física, mas, conforme Souza (2011), a falta de tempo ou de possibilidade de acesso a um profissional de educação *gymnica* era um impedimento para sua realização.

É possível observar a influência do discurso médico-higienista nos manuais, pois, em defesa de sua obra, Higgins afirmava que as pessoas com força de vontade necessária que realizassem a prática constante dos exercícios descritos em seu livro obteriam mais saúde, desfrutando dos benefícios da energia vital proporcionada pelo resto de suas vidas. Para embasar tais afirmações, Higgins fazia referência ao livro *Gymnastica Domestica, Medica e Hygienica*, escrito pelo médico alemão Daniel Gottlob Moritz Schreber (1808-1861), que afirmava que “a falta de atividade física



acarretaria a diminuição da força nos órgãos, o desequilíbrio, a perturbação das funções naturais e o surgimento de muitas e graves doenças, podendo ocasionar até a morte prematura” (SOUZA, 2011, p. 97).

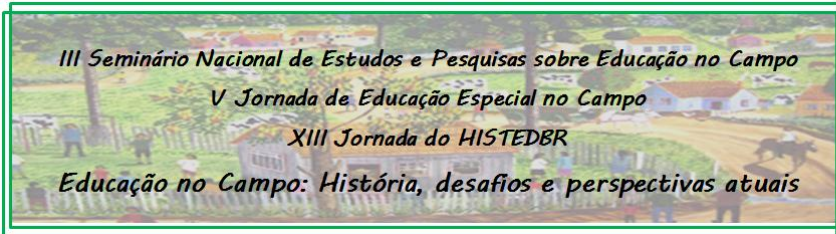
De volta ao *Compendio* e as questões escolares, Higgins publicou mais duas edições do livro, com alterações no título da obra. *Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga* (1909) e *Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga-Brasileiro* (1934). Souza (2011) observa poucas diferenças entre o conteúdo e organização das edições, ressaltando que alguns jogos já existentes tiveram sua prescrição alterada e alguns novos foram incluídos, sinalizando a importância que este conteúdo estava adquirindo no processo educacional e na teoria de Higgins.

Souza (2011) ressalta que a diferenciação de gênero se acentua na segunda e terceira edições, pois a primeira não separou os jogos por sexo, mas apenas por idade. Apesar do excesso de zelo e ainda reforçando um sexismo, Higgins avança ao propor em 1902 a prática de exercícios com pesos para as mulheres, mostrando o reconhecimento da importância em fortalecer o corpo feminino, e que o uso de alteres ou marombas não atrapalhariam sua função reprodutora.

Ainda que poucas, as alterações no método e conteúdos entre as edições do *Compendio* sugerem tratar-se de uma elaboração curricular, porque “como construção cultural, o currículo resulta de processos conflituosos e de decisões negociadas” (SAVIANI, 2010, p. 33).

Com efeito, os elementos trazidos neste estudo sobre as publicações de Arthur Higgins indicam que este professor exerceu função de intelectual na sociedade brasileira, no período de transição entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, devido: a) a sua capacidade em sistematizar as formulações teóricas e prescrições práticas de diversos métodos ginásticos, adaptando-as às demandas sociais da Primeira República e à Educação Física escolar em formação; b) a sua iniciativa de publicação de manuais que permitiram o acesso às orientações sobre a prática da atividade física tanto no interior quanto fora do ambiente escolar; e c) a sua atuação como professor na educação escolar e em espaços não-escolares.

Todavia, nossa opção pelo referencial gramsciano nos impele a questionar se Higgins, enquanto intelectual, assumiu uma postura passiva, neutra, apartada,



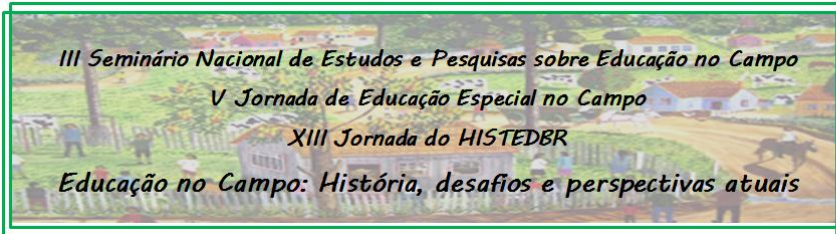
conservadora, funcionária e “tradicional” sobre o mundo ao seu redor; ou se, ao contrário, posicionou-se de forma ativa, engajada, imbricada, transformadora e “orgânica” diante das contradições presentes nas relações sociais do modo de produção capitalista. E ainda, no segundo caso, se este envolvimento “vital” se mostra elitizado e preocupado com a manutenção no poder da classe social dirigente, ou se, diferentemente, caracteriza-se pela defesa das classes subalternas, sua educação e formação política, na direção da construção de outro “bloco histórico” que se opõe ao desenvolvimento da sociedade capitalista que se implementava na realidade brasileira.

O papel de Higgins na produção de currículo para a Educação Física enquanto intelectual orgânico à classe hegemônica

Considerando que “o fio condutor da análise gramsciana sobre os intelectuais reside no papel que desempenham na disputa pela hegemonia entre as classes de uma determinada formação econômica e social” (MARTINS, 2011, p. 134), entendemos que compreender a função desempenhada por Higgins em meio a totalidade social, em uma determinada conjuntura – no caso, a década final da Império e as quatro primeiras da República – possibilita compor, juntamente com sua produção teórica escrita, um conjunto que indicaria sua visão de mundo e alinhamento de classe.

Atuando como repórter no jornal “O Cruzeiro”, em 1883 o jornalista Arthur Higgins entra em contato com a Educação Physica quando, em virtude de problemas de saúde, procurou a Escola Normal da Corte para praticar exercícios *gymnasticos* adequados ao seu enfraquecido organismo. No seu desempenho como aluno mostrou uma capacidade tão grande em executar, ensinar, criar exercícios e adaptar posições que, formado, tornou-se um prestigiado professor de ginástica escolar. Tanto que, mesmo sendo a favor da república, foi nomeado interinamente em 1885, por Dom Pedro II, professor do Colégio Pedro II⁴. Em 1890, meses após a Proclamação, Higgins também foi nomeado, pelo general Deodoro da Fonseca, Professor de Ginástica da Escola Normal da Corte, ficando responsável em formar os professores que, segundo

⁴ Importante destacar que naquele período histórico o Colégio Pedro II “era a escola destinada a formação dos jovens da boa sociedade imperial brasileira, preparando-os para o mundo do governo e da política imperial” CUNHA JÚNIOR, 2008 *apud* SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. **O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934)**. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 2011, p. 35).



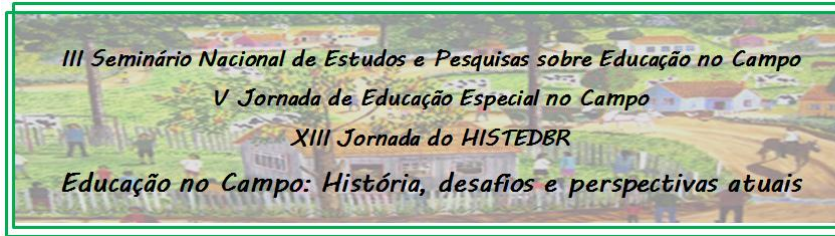
Lira (1953 *apud* SOUZA, 2011) atuavam em escolas de segundo grau. Conclui-se que Arthur Higgins possuía expressiva influência, supostamente, em virtude da grande aceitação das suas ideias e práticas entre os membros da elite econômica e política, que compunham naquele momento a classe dirigente.

Mesmo no embate/transição entre o “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”, analisados por Nagle (1974), as exigências do capitalismo naquele momento confiavam à atividade física sistematizada as funções de aumentar o vigor físico, corrigir vícios de conduta, adquirir hábitos higiênicos, melhorar a raça e, conseqüentemente, produzir força de trabalho adequada às instâncias modernas de uma sociedade em processo de industrialização. Diante desta demanda, Higgins foi capaz de converter os métodos ginásticos europeus e as teorias médico-higienistas e eugênicas – todos baseados no positivismo científico – em saberes escolares adaptados à educação brasileira, em consonância com o projeto de sociedade desejado pela elite que construía sua hegemonia. Neste sentido, Higgins manifesta seu vínculo de classe, no trabalho – quando atuou como técnico/especialista em conhecimentos avançados da ginástica – e no interior da sociedade civil – quando, de acordo com Semeraro (2006), construiu consenso em torno do projeto de classe que defendia ao divulgar seus manuais e desenvolver voluntariamente⁵ atividades em ambientes não-escolares, caracterizando-se como um intelectual orgânico à classe que se consolidava hegemônica.

Com efeito, os manuais publicados por Arthur Higgins cumprem a missão, ao menos no nível superestrutural, de difusão de uma elaboração curricular em conformidade com concepção de mundo da classe dirigente que, utilizando-se da Educação Física escolar – enquanto atividade física sistematizada em conteúdos e métodos, buscava a conformação das classes subalternas ao seu projeto de poder.

Considerações finais

⁵ “Arthur Higgins foi grande defensor e disseminador da prática de atividades físicas. Isto fica evidente já que, em seu horário de descanso, ele organizava, no jardim da Praça da República, práticas que eram denominadas pelo Jornal do Commercio como Gymnastica recreativa, Jogos athleticos, Gymnastica de Campo, Gymnastica Campestre ou Jogos gymnasticos.” SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. **O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934)**. Dissertação de Mestrado em Educação Física, 2011, p. 39



À guisa de conclusão, a análise dos manuais de ginástica, produzidos por Arthur Higgins e publicados entre 1896 e 1934, permite identificá-los como elaborações curriculares para Educação Física, por apresentarem elementos característicos da constituição de um currículo, dentre estes: a) o estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação escolar; b) a seleção na cultura de conteúdos passíveis e desejáveis de serem ensinados/aprendidos; c) resultar de processos conflituosos e de decisões negociadas; d) a tendência em seguir normas, critérios e modelos mundiais.

Além disso, da análise da atuação de Higgins durante o período histórico em questão, fundamentada no referencial gramsciano, foi possível concluir que este professor exerceu função de intelectual orgânico à classe hegemônica, na medida em que suas teorias, conteúdos, métodos e didática sugerem seu vínculo de classe, e podem ter colaborado, difundidas na esfera educacional da sociedade, à elaboração de um tipo formação adequado ao projeto hegemônico da classe dirigente, que visava o desenvolvimento das forças produtivas da população, de acordo com o projeto da República.

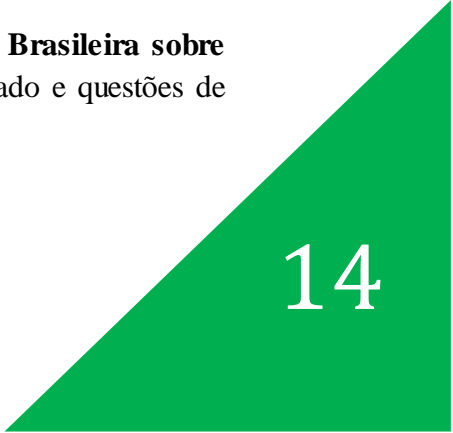
Entendemos que tanto a obra, quanto o papel de intelectual de Arthur Higgins na sociedade brasileira da transição dos séculos XIX para o XX, são objetos de estudo importantes porque possibilitam uma aproximação com a problemática da produção de propostas curriculares para a Educação Física escolar. Neste sentido, pensamos que a concepção de mundo dos grupos e indivíduos que formulam um currículo se expressa no processo de sistematização pedagógica, traduzindo-se pela e na conversão de saberes científicos em saberes escolares. Não perder isso de vista é essencial se o pesquisador pretende desvelar as contradições, limites e possibilidades do currículo escolar.

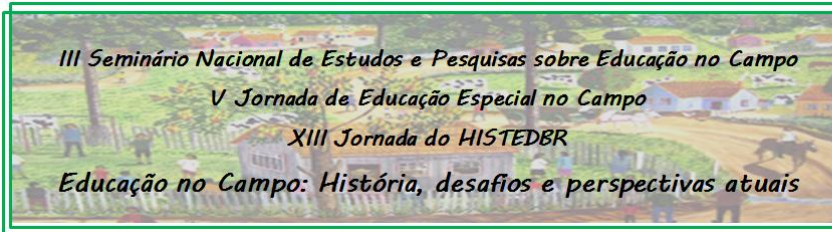
Referências

CANTARINO FILHO, Mario R. **A educação Física no Estado Novo: história e doutrina.** Brasília: Universidade de Brasília (Dissertação de Mestrado), 1982.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **A produção teórica Brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de**

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015





gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.) Pesquisa histórica na educação física, vol. 3. Aracruz/ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, p. 19-47.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere. Antonio Gramsci: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

MARINHO, Inezil Penna. **História geral da educação física.** 2ed., São Paulo: Brasil, 1980.

MARTINS, Marcos Francisco. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política.** Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 3, p. 66, 2011.

MELO, Vitor Andrade de. A educação física nas escolas brasileiras do século XIX: Esporte ou Ginástica?. In: FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.) **Pesquisa histórica na educação física, vol. 3.** Aracruz/ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, p. 48-68.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

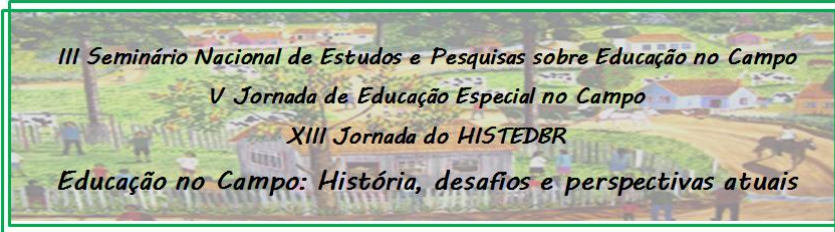
SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas de unidade conteúdo/método no processo pedagógico.** 6. Ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.** Cad. Cedes, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, 2006.

SILVA, Pierre Normando Gomes da. A educação nacional (1890): A Redenção do País e a Regeneração do Corpo. In: **Anais XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 21, n. 1, 1999a. p. 1382-1387.

SILVA, Pierre Normando Gomes da. Compendio de gymnastica escolar: o corpo e a pedagogia no início do século XX. In: FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.) **Pesquisa histórica na educação física, vol. 4.** Aracruz/ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1999b, p. 27-49.

SOARES, Carmen. **Educação física: raízes históricas e Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 1994.



SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. **O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934)**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015